

EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE DIÁLOGO UNIVERSIDADE- CÁRCERE-COMUNIDADE (GDUCC) NAS INSTITUIÇÕES CARCERÁRIAS DA COMARCA DE MARINGÁ-PR

*EXPERIENCES OF THE UNIVERSITY-PRISON-COMMUNITY DIALOGUE GROUP
(GDUCC) IN PRISON INSTITUTIONS AT JUDICIAL DISTRICT OF MARINGÁ-PR*

Alexandre Ribas de Paulo¹; Franciele Holanda de Moura²; Valine Castaldelli Silva³

¹Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: ribasdepaulo@hotmail.com

²Conselho da Comunidade de Execuções Penais da Comarca de Maringá – CCEPMA. E-mail:

francielehmoura@gmail.com; ³Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail:

valine_cs@hotmail.com

RESUMO: O Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC) é um Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Maringá (UEM) que tem por objetivo a promoção de encontros e diálogos autênticos, simétricos, horizontais e transdisciplinares entre universitários, pessoas da comunidade e pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade conforme a Lei de Execução Penal, visando construir uma “ponte” entre integrantes da sociedade livre e pessoas privadas de liberdade na Penitenciária Estadual de Maringá (PEM) e Casa de Custódia de Maringá (CCM). No ano letivo de 2025 foram selecionados 18 discentes da UEM e 2 pessoas da comunidade externa para realizarem as atividades práticas na CCM e na PEM; com 10 pessoas encarceradas e 10 da comunidade em cada unidade prisional. O bate-papo simples permitiu o resgate de momentos de convívio harmônico entre pessoas, especialmente àqueles que estão em cumprimento de pena privativa de liberdade. Em relação aos participantes da comunidade, no momento em que tiveram a oportunidade de entrar em uma instituição estatal promotora de situação de vulnerabilidade social por meio de um projeto extensionista de uma Universidade Pública, conseguiram refletir a respeito da condição humana e buscar melhores conhecimentos para o aperfeiçoamento pessoal.

Palavras-chave: Cárcere; diálogo; Lei de Execução Penal.

ABSTRACT: The University-Prison-Community Dialogue Group is an Extension Project of the State University of Maringá (UEM) that aims to promote authentic, symmetrical, horizontal and transdisciplinary meetings and dialogues between university students, people from the community and people serving a prison sentence according to the Criminal Execution Law, intended to build a "bridge" between members of the free society and people deprived of liberty in the State Penitentiary of Maringá (PEM) and the Custody House of Maringá (CCM). In the 2025 school year, 18 students from the UEM and 2 people from the external community were selected to conduct the practical activities in the CCM and PEM; with 10 people incarcerated and 10 from the community in each prison unit. The simple chat allowed the rescue of harmonious conviviality moments between people, especially those who are serving a prison sentence. In relation to the community participants, when they had the opportunity to enter a state institution liable for a situation of social vulnerability through an extensionist project of a Public University, they were able to reflect on the human condition and seek better knowledge for personal improvement.

Keywords: Prison; dialogue; Criminal Execution Law.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente relato é compartilhar algumas vivências proporcionadas por um Projeto de Extensão da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Estado do Paraná, denominado Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade, mais conhecido pela sua sigla GDUCC, onde semestralmente grupos de pessoas livres da comunidade passam por encontros teóricos sobre a área criminal e, em seguida, a cada semana adentram em instituições carcerárias onde são executadas penas privativas de liberdade e promovem conversas por aproximadamente 02 (duas) horas com as pessoas que estão presas.

O GDUCC surgiu como um Projeto de Extensão vinculado à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – FDUSP – e foi idealizado pelos Professores Livres Docentes Dr. Alvino Augusto de Sá e Sérgio Salomão Shecaira em 2006, no âmbito do Departamento de Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia, tendo por finalidade a promoção de encontros e diálogos autênticos, simétricos e transdisciplinares entre universitários, pessoas da comunidade e pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade, visando construir uma “ponte” entre pessoas da sociedade livre e pessoas privadas de liberdade no cárcere (Sá *et al.*, 2013).

Tendo apoio do Prof. Dr. Alvino Augusto de Sá, que por diversas vezes deslocou-se para Maringá-PR para discursar e até contemplar as atividades do GDUCC da UEM, importa destacar que o projeto foi concebido, justamente, para ser implementado em diversas comarcas do Brasil, não sendo, portanto, necessária a vinculação desta instituição com a USP, já que a ideia de seus criadores foi a de divulgar o material de formação das equipes, a fim de que a ação fosse executada de maneira independente em cada *locus* do país disposto a implementar as experiências de um GDUCC.

No tocante à fundamentação teórica, a Criminologia é um campo de conhecimento que articula elucubrações teóricas com um saber empírico, tendo por objetivo o estudo do crime e do controle social, assim como os sujeitos afetados pelo sistema de controle ou que nele atuam. (Cf. Andrade, 2003; Passos, 1994).

Como *locus* privilegiado do ensino, pesquisa e desenvolvimento de um olhar crítico, a universidade tem um importante papel de transformação social, não se

restringindo à reprodução do conhecimento, mas expandindo-se enquanto um espaço de reflexão sobre a realidade.

A universidade deve, portanto, pensar alternativas para o enfrentamento de problemas sociais e, mais especificamente, no que diz respeito à criminologia, deve fomentar maneiras de ampliar os canais de interação presídio-comunidade, proporcionando uma relação simétrica que possibilite um diálogo frutífero com entendimento, compreensão e amadurecimento de todas as partes.

A pena privativa de liberdade constituiu-se historicamente como um modelo de exclusão e segregação, afastando a pessoa presa de sua comunidade. Este modelo deve ser superado pelo encontro e pela reaproximação entre a parcela presa e a parcela livre da sociedade, entendendo que todos os sujeitos, independentemente de suas condições, fazem parte da sociedade; especialmente porque uma das funções declaradas da pena é justamente reintegrar o sujeito à sociedade para a qual ele irá retornar e conviver após a sanção, ou seja, promover sua inclusão social, como se extrai da redação do artigo 1º, da Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/84)).

Criminólogos críticos propõem que a solução para o cárcere é a diminuição tanto qualitativa quanto quantitativa do encarceramento, diminuindo muros subjetivos e promovendo encontros e aproximações entre o cárcere e a sociedade, superando a cisão e as dicotomias “bom-mau”, “cidadão-delinquente”. (Cf. Baratta, 2002; Christie, 1998; Hulsman, 1993; Rusche, Kirchheimer, 2004; Zaffaroni, 1991; Wacquant, 2001)

A reintegração social do condenado constitui uma via de mão dupla, demandando a abertura de um processo de comunicação a partir do qual os presos se reconheçam na sociedade e esta se reconheça na prisão, sendo que ambos têm responsabilidade por essa reaproximação. É diferente da visão de “ressocialização” na qual o indivíduo preso é visto como objeto de intervenção penal e lhe é exigido readequar-se valorativamente como condição de seu retorno à sociedade, desconsiderando que o fenômeno criminal está intrinsecamente ligado às ambiguidades e contradições sociais.

O Projeto de Extensão GDUCC não integra programas oficiais de intervenção penal, mas, de forma singela, promove um efetivo diálogo entre apenados e membros da universidade e da comunidade, não intentando uma melhoria do cárcere, apenas buscando amadurecer as relações entre pessoas permitindo a inclusão social dos internos em sua dimensão subjetiva e aprimorando a reflexão dos seus participantes externos ao cárcere no que concerne à condição humana.

METODOLOGIA

O GDUCC, como Projeto de Extensão do Departamento de Direito Privado e Processual da Universidade Estadual de Maringá está sendo realizado no ano letivo 2025 com a chamada pública de interessados mediante publicação de Edital, sendo que este esclarece as finalidades do projeto e explica como que ele se realiza.

Inicialmente são marcadas as datas para a realização de 3 encontros teóricos, que são abertos a toda comunidade, tanto para as pessoas vinculadas à UEM como as pessoas sem vínculos institucionais com a universidade.

A primeira reunião contou com dezenas de interessados, em sua grande parte por acadêmicos vinculados ao Curso de Direito da UEM. Na ocasião a coordenação do projeto procurou salientar que a participação no GDUCC exige responsabilidade e assiduidade, de tal maneira que os pretendentes aos encontros práticos nas instituições carcerárias devem assumir o compromisso escrito de presenciarem todos os encontros previstos para o projeto, visto que os grupos devem ser simétricos em todo o seu desenvolvimento.

Assim, foram selecionadas 20 pessoas para as atividades práticas realizadas entre os meses de maio a julho, sendo 10 para a Casa de Custódia de Maringá (CCM) e 10 para a Penitenciária Estadual de Maringá (PEM). Os participantes das instituições carcerárias foram – e continuarão sendo – escolhidos exclusivamente pelas suas respectivas diretorias.

Já na primeira reunião teórica também já foram selecionadas outras 20 pessoas da comunidade para continuar as atividades do GDUCC no segundo semestre do ano letivo, que iniciarão as atividades práticas em setembro e as encerrarão em novembro de 2025.

No segundo encontro teórico do GDUCC, houve leitura prévia do capítulo de livro intitulado “GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa a inclusão social”, de autoria de Alvino Augusto de Sá (2013, p. 25-38) e, também, excerto da obra “manicômios, prisões e conventos”, do autor Erving Goffman (2015, p. 11-69). Por cerca de duas horas os participantes do projeto debateram os textos para a compreensão do *locus* em que seriam inseridos ao adentrarem no cárcere para as atividades práticas de diálogos com os aprisionados.

Para o terceiro encontro teórico foi disponibilizado para o grupo o material pertinente às orientações para dinâmicas de grupo como instrumento de estímulo para

discussão e integração de pessoas que pertencem a grupos heterogêneos, visto que às pessoas encarceradas não é fornecida uma preparação teórica preliminar para a participação das atividades práticas do GDUCC e, portanto, cabe aos participantes externos promoverem as atividades de quebra-gelo para o estímulo da espontaneidade nos assuntos dialogados entre as pessoas.

Também, no terceiro e último encontro teórico, contou-se com a presença dos diretores dos estabelecimentos prisionais da PEM e da CCM onde o GDUCC é realizado, sendo que eles salientaram a importância do Projeto dentro dos cárceres, porquanto são locais onde a disciplina é austera e a presença de pessoas livres e desinteressadas com o fito de apenas conversar com os internos mostra-se como uma experiência de liberdade para aqueles que estão presos.

Encerrados os encontros teóricos com as pessoas da comunidade e explicadas as regras de participação aos previamente selecionados, ocorreu o primeiro dos encontros práticos. O grupo das dez pessoas da comunidade que foram para a PEM para encontrar outras 10 pessoas que estavam presas relataram, em síntese que:

As atividades foram iniciadas às 14:16, na ocasião os participantes do Programa sentaram-se em roda e foi dada as boas-vindas para o início das atividades que contará com 10 encontros e foi explicada a metodologia. [...] Após a realização da leitura e explicação sobre o acordo, iniciamos a dinâmica de quebra gelo e para iniciar a construção de vínculos entre os participantes do grupo, a dinâmica foi estabelecida por formarem duplas e dialogaram sobre a história do nome e do apelido e depois disso a dupla apresenta as informações do colega em debate em grupo. Essa dinâmica foi importante para mostrar que todos ali possuem nomes, alguns apelidos e conforme a fala dos próprios participantes demonstrou que cada nome tem uma história, que alguém da família pensou e escolheu um nome pra aquela pessoa.

Para o grupo de 10 pessoas que foi para a CCM, também encontrar 10 pessoas encarceradas, o primeiro encontro assim foi relatado:

Formamos um círculo grande no pátio e sentamos no chão para iniciar a atividade. Fizemos a apresentação do GDUCC, explicando os objetivos do projeto, e lemos em voz alta o acordo de convivência. Iniciamos a dinâmica de apresentação, na qual cada estudante se juntava a uma pessoa privada de liberdade para contar a origem do seu nome e do seu apelido. Em seguida, era o colega quem apresentava a história do outro. [...] Encerramos o encontro com a leitura de uma poesia e a entrega do livreto de dinâmicas do GDUCC aos presos. Também selecionamos dois participantes privados de liberdade para conduzirem a dinâmica do próximo encontro.

Nos demais encontros que ocorreram, sempre às terças-feiras à tarde, vale destacar alguns outros relatos das atividades realizadas na PEM:

[...]

A questão da ansiedade foi algo recorrente, que gerou conversas sobre doenças mentais e sobre como foi a pandemia dentro da penitenciária. As pessoas da unidade contaram como se sentiram quando ficaram entre 1 e 2 anos sem visitas durante a pandemia (depois retornando na modalidade online), em que apenas assistiam as notícias e se sentiam impotentes diante dos parentes e pessoas conhecidas falecendo e o número nos jornais apenas aumentando.

As pessoas da comunidade também apresentaram suas versões de como foi vivenciar a pandemia com um futuro incerto e como foi notória a finitude da vida. Ao final, os detentos tiraram algumas dúvidas sobre a universidade, demonstrando interesse na vida acadêmica, perguntaram sobre alguns cursos que foram proibidos pelo MEC de serem realizadas pela modalidade EAD.

[...]

Neste encontro quem apresentou a dinâmica foram as pessoas privadas de liberdade, a escolhida se baseava em realizar um desenho, escrever uma frase ou algo que simbolizasse a sua família para ser compartilhado, explicando o motivo, o significado ou exteriorizar algo ou alguém que você sente falta ou é muito querido.

Essa dinâmica mostrou como a família é importante para todos aqueles que estavam presentes, estando próxima ou distante fisicamente, todos ali tinham pelo menos algum familiar que admirava ou então eram admirados e inspiravam algumas pessoas de seu círculo social.

[...]

Foi explicado que cada participante sortearia um papel com as frases "Eu Nunca" e "Eu Já". Em seguida, um por um, deveríamos compartilhar uma experiência de acordo com a frase sorteada. Por exemplo, se alguém tirasse "Eu Nunca", diria, uma "mentira" no caso, algo que essa pessoa nunca viveu. A dinâmica fluiu de forma leve com todos os participantes compartilhando suas experiências de vida com base nas frases sorteadas. O ambiente se tornou bastante descontraído, e o grupo se divertiu trocando histórias pessoais até o fim do encontro.

[...]

Houve diversos agradecimentos, tanto da universidade quanto os participantes da unidade. A importância do projeto foi ressaltada por diversas vezes, com comentários sobre a felicidade dos familiares mais próximos dos apenados na oportunidade de participarem e, em especial, sobre como o projeto os ajudou a se sentirem pertencentes à comunidade novamente.

Nos encontros que ocorreram na CCM, também às terças-feiras à tarde, destacam-se alguns excertos dos relatos dos participantes externos:

[...]

Na sequência, os internos responsáveis pela atividade da semana explicaram a dinâmica, que envolvia papéis confeccionados por eles com três propostas:

1. Descrever ou representar simbolicamente sua família;
2. Quem está ausente nesse retrato?
3. O que você gostaria de dizer a alguém da sua família?

Cada um respondeu individualmente e, depois, compartilhou suas respostas com o grupo. A profundidade e a carga emocional da atividade envolveram

quase todos. R., por exemplo, não se sentiu confortável para compartilhar e optou por não participar da segunda etapa — o que foi respeitado.

A dinâmica foi extremamente tocante, gerando momentos de emoção tanto entre os estudantes quanto entre os internos. Um dos relatos mais marcantes foi do interno [...], que descreveu sua família como muito grande e disse que já via o GDUCC como parte dela. Ele ainda contou que os encontros se transformaram em "música" para ele.

A atividade mostrou o quanto todos carregam perdas familiares e como essas dores despertam reflexões e emoções profundas. Também ficou claro que cada pessoa lida com isso de maneira única — alguns de forma mais intensa, outros de maneira mais contida.

[...]

A proposta consistia em que cada participante escrevesse, de forma anônima, uma curiosidade ou "segredo" sobre si mesmo em um pedaço de papel. Esses papéis foram recolhidos, embaralhados e lidos em voz alta, enquanto o grupo tentava adivinhar de quem se tratava cada relato.

A princípio, acreditávamos que a grande moral da atividade seria refletir sobre como somos julgados pelas aparências, partindo da suposição de que as pessoas não conseguiriam associar corretamente as informações aos colegas, mas nossa percepção inicial estava equivocada. Para nossa surpresa, a maioria dos "segredos" foi rapidamente identificada e atribuída corretamente. Mesmo aquelas informações que, à primeira vista, não pareciam óbvias foram associadas de forma precisa pelos participantes. O momento gerou muitas risadas, principalmente diante de comentários como: "Ah, isso é a cara de fulano", e, de fato, era mesmo.

Um aspecto que chamou bastante a atenção foi o fato de que muitos dos relatos escritos diziam respeito a experiências relacionadas a delitos — ainda que fossem situações de menor gravidade ou de lesividade insignificante. Isso gerou uma percepção muito importante: os participantes não se sentiram meramente objetos de estudo de um grupo universitário, mas sim como sujeitos ativos, inseridos em uma roda de diálogo, de troca e de escuta. Esse detalhe tornou a experiência ainda mais significativa, reforçando a importância de práticas que humanizam e proporcionam espaços seguros de fala, leveza e descontração, mesmo em um ambiente marcado por tantas restrições.

[...]

A proposta consistia em cada participante receber um papel com o nome de uma pessoa, personagem, objeto ou time, sem que visse o que estava escrito. Posicionado na testa ou segurado para que os demais vissem, o participante deveria descobrir quem era por meio de até cinco perguntas, que só podiam ser respondidas com "sim" ou "não". A cada rodada, o próximo participante assumia sua vez, e ao final, dicas eram oferecidas para aqueles que ainda não haviam acertado.

Diferentemente de outras dinâmicas já realizadas no grupo, que geralmente carregavam um propósito reflexivo ou emocional mais profundo, esta atividade teve como foco principal a descontração, a leveza e a diversão. Foi um momento de muitas risadas, integração e espontaneidade, no qual todos participaram ativamente, demonstrando interesse, criatividade e companheirismo.

Um aspecto interessante observado foi a similaridade das bagagens culturais entre os participantes. Mesmo em contextos de vida tão diversos, todos possuíam referências comuns, fossem pessoas famosas, personagens ou times, evidenciando a existência de pontos de conexão que fortalecem o senso de pertencimento no grupo.

[...]

Iniciamos o encontro conversando com os internos sobre como haviam passado a semana e se estavam bem. Em seguida, realizamos uma dinâmica escolhida pela assistente social [...], que consistiu no jogo dos 3 pontinhos, inspirado no programa apresentado por Silvio Santos. Fizemos uma pausa

para introduzir a dinâmica "Eu Nunca" e finalizamos novamente com o jogo dos 3 pontinhos.

As dinâmicas de hoje foram interessantes para descontrair o ambiente com os internos e nos conhecer melhor, além de entender a vivência de cada um deles antes do período de reclusão.

Ao final das dinâmicas, nos despedimos dos internos e, ao chegarmos na recepção, encontramos o Diretor [...]. Ele conversou brevemente conosco, perguntou se estávamos gostando do projeto e quais eram nossas impressões. O diretor ressaltou a importância desse diálogo para os internos, muitos dos quais enfrentam carências emocionais devido à falta de convivência familiar e socialização fora da unidade.

[...]

A atividade proposta foi simples: cada participante precisava representar uma emoção sem usar palavras, e os demais tentavam adivinhar qual era o sentimento. A ideia não tinha um objetivo pedagógico formal, mas buscava gerar leveza, riso e interação entre o grupo – o que funcionou muito bem. Todos participaram e se divertiram bastante, o que acabou sendo importante para quebrar o clima de cansaço e fome que estavam sentindo.

Às vezes, esse tipo de proposta mais lúdica, mesmo sem uma "lição" clara, tem um valor grande justamente por oferecer um momento de leveza em um ambiente tão duro como o cárcere.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne aos resultados do projeto de extensão GDUCC, verifica-se que os participantes vivenciaram períodos de democracia enquanto valor. Ao priorizar o diálogo de maneira autêntica, simétrica e horizontal, entre pessoas de grupos tão diversos, abriu-se espaço para ouvir e compreender o outro em sua pluralidade, proporcionando momentos não só de conhecimento, mas também de afetividade dentro de um estabelecimento penal carregado de controle, limitações e negatividades.

Os participantes do GDUCC tiveram a oportunidade de extravasar problemas particulares e expor as próprias opiniões sobre assuntos diversos, sejam valores pessoais ou posicionamentos frente a assuntos polêmicos. O espaço foi de livre expressão.

Com o desenvolvimento do GDUCC conseguiu-se o rompimento, ainda que por poucas horas, da segregação que existe entre a comunidade e as pessoas encarceradas, gerando alguns momentos de convívio harmônico entre pessoas com uma estratégia que permite a inclusão social, permitindo o afastamento da condição sofrível dos condenados do ambiente hostil que o aprisiona.

Assim o GDUCC da UEM, ao adentrar no cárcere, deu voz a uma classe estigmatizada, de pessoas privadas de sua liberdade em uma instituição estatal e em situação de vulnerabilidade social; além de permitir pessoas livres de entrar em um

ambiente segregador, desconhecido e repudiado pela população. Nas práticas do GDUCC, quando as pessoas foram tratadas de modo simétrico e abriu-se a oportunidade para o diálogo, o projeto atingiu o seu escopo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade (GDUCC) é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá e se distingue por ter um objetivo muito simples, que é a promoção de encontros e diálogos transdisciplinares entre acadêmicos, pessoas da comunidade e pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade na Penitenciária Estadual de Maringá (PEM) e Casa de Custódia de Maringá (CCM).

A realização do GDUCC conta com alguns encontros teóricos com os membros da comunidade, mas é realizado, em sua maior parte, com práticas dialogais entre a comunidade e encarcerados, permitindo a reflexão e consciência crítica com a promoção de mútuo conhecimento entre os integrantes, reconstruindo um evento propriamente humano que é o diálogo.

A relevância social do projeto é indiscutível, porquanto as pessoas da comunidade acabam por ter uma oportunidade bastante inusitada que é adentrar em instalações carcerárias; não com o fito de conhecer o interior de uma instituição total marcada por sofrimentos e injustiças, mas, ao revés, levar para dentro um dos fenômenos sociais mais importantes, que é a comunicação entre seres humanos considerados iguais.

A maturidade haurida pelos participantes da comunidade ao terem contato desinteressado com pessoas estigmatizadas por sentenças penais condenatórias nos estabelecimentos carcerários é inefável. O projeto de extensão realmente cumpre o seu papel de pôr em prática não só os conhecimentos comungados pelo ensino e pesquisa dentro do ambiente restrito da Universidade, mas interage com pessoas diversas, desconhecidas e ignoradas pela maior parte da população e que estão condenadas à pena privativa de liberdade.

Por outro lado, o projeto de extensão beneficia enormemente as pessoas presas, não só por serem resgatadas, por algumas horas, do poder disciplinar que os domina e disciplina, mas também por poderem se beneficiar da redução da pena pelo instituto da remissão, pois a cada 12 horas de participação no projeto, há a

possibilidade de diminuição de um dia no cumprimento da pena conforme o artigo 126, §1º inciso I da Lei nº 7.210/84 (Lei de Execução Penal).

AGRADECIMENTOS

Registra-se o agradecimento à Universidade Estadual de Maringá, Conselho da Comunidade de Execuções Penais da Comarca de Maringá, Penitenciária Estadual de Maringá e Casa de Custódia de Maringá, instituições essas que permitem a execução do Projeto de Extensão GDUCC no Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Regina Pereira de. **A ilusão de segurança jurídica: do controle da violência à violência do controle penal**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do Direito Penal. Introdução a Sociologia do Direito Penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BRASIL. Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em 1º de setembro de 2025.

CHRISTIE, Nils. **A indústria do controle do crime**. A caminho dos GULAG's em estilo ocidental. Rio de Janeiro: Forense, 1998

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 11-69.

HULSMAN, Louk; CELIS, Jacqueline Bernat de. **Penas perdidas: o sistema penal em questão**. Niterói: Luam, 1993.

PASSOS, Paulo Roberto da Silva. **Elementos de criminologia e política criminal**. Bauru-SP: EDIPRO, 1994

SÁ, Alvinio Augusto de; BRAGA, Ana Gabriela Mendes; BRETAN, Maria Emília Accioli Nobre; CALDERONI, Vivian. (Coordenadores). **GDUCC Grupo de diálogo universidade-cárcere-comunidade: Uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere**. Brasília: Ministério da Justiça, 2013.

RUSCHE, Georg; KIRCHHEIMER, Otto. **Punição e estrutura social**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Em busca das penas perdidas**: a perda da legitimidade do sistema penal. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

WACQUANT, Löic. **As Prisões da Miséria**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.